



UnB

Universidade de Brasília

Instituto de Letras (IL)

Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução (LET)

Curso de Letras – Japonês

**O *SHINSENGUMI* E A QUEDA DO XOGUNATO TOKUGAWA (1600-1868): A
EXPRESSÃO DOS VALORES DE UMA SOCIEDADE GUERREIRA**

KAMILA CRISTINY PEREIRA MARQUES

Brasília-DF

2014



UnB

Universidade de Brasília

Instituto de Letras (IL)

Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução (LET)

KAMILA CRISTINY PEREIRA MARQUES

**O *SHINSENGUMI* E A QUEDA DO XOGUNATO TOKUGAWA (1600-1868): A
EXPRESSÃO DOS VALORES DE UMA SOCIEDADE GUERREIRA**

Monografia apresentada ao Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em Língua e Literatura Japonesas.

Orientador: Prof. Ronan Alves Pereira

Brasília-DF

2014

Kamila Cristiny Pereira Marques

O Shinsengumi e a queda do Xogunato Tokugawa (1600-1868): a expressão dos valores de uma sociedade guerreira

Monografia apresentada ao Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em Língua e Literatura Japonesas.

Aprovada em ___ de _____ de 2014

BANCA EXAMINADORA

Presidente (Orientador): Prof. Dr. Ronan Alves Pereira
Universidade de Brasília

Membro: Profa. Dra. Tae Suzuki
Universidade de Brasília

Membro: Profa. Dra. Michele Eduarda Brasil de Sá
Universidade de Brasília

RESUMO

Esta monografia está centrada no grupo *Shinsengumi* (新撰組) – uma tropa de elite formada para proteger o xogum contra facções xenófobas e monarquistas. Com o fito de explorar o papel desse grupo no contexto da queda do xogunato Tokugawa (1600-1868), fez-se um estudo mais amplo sobre o xogunato, desde o seu estabelecimento até meados do século XIX, época marcada por conflitos internos e por pressões internacionais sobre o Japão. Enfatiza-se que a abertura do país às potências ocidentais provocou a divisão de opiniões e gerou um clima de insegurança entre os cidadãos japoneses, causando conflitos civis e políticos na Capital Imperial, que levaram à criação do *Shinsengumi*. A história deste grupo guerreiro é aqui abordada desde seu início em 1863 até sua derrota pelas forças monarquistas em 1869, para que se possa fazer uma avaliação histórica e cultural do *Shinsengumi* que ultrapasse sua atual representação romantizada na cultura pop japonesa.

Palavras-chave: Japão. Xogunato. Tokugawa. Shinsengumi.

ABSTRACT

This monograph focuses on the *Shinsengumi* (新撰組) – an elite troop formed to protect the shogun against xenophobic and loyalist faction groups, in order to explore the role of the group in the context of the fall of the Tokugawa shogunate (1600-1868). The shogunate is studied from its establishment until the mid-nineteenth century era, a period marked by internal conflicts and international pressure on Japan. It is emphasized that the country's opening to Western nations led to the division of opinions and created a feeling of insecurity among Japanese citizens, causing civil and political conflicts in the Imperial Capital. This finally led to the creation of the *Shinsengumi*. The history of the warrior group itself is described from its beginning in 1863 until its defeat by loyalist forces in 1869. It intends to be a cultural and historical evaluation of Shinsengumi that exceeds its current romanticized representation in Japanese pop culture.

Keywords: Japan. Shogunate. Tokugawa. Shinsengumi.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1. SOBRE O XOGUNATO TOKUGAWA.....	9
1.1 Estrutura do xogunato.....	9
1.2 O período de isolamento e o início da crise no xogunato	11
2. OS CONFLITOS POLÍTICOS E A GUERRA CIVIL QUE CULMINOU NA CRIAÇÃO DO SHINSENGUMI	16
3. O SHINSENGUMI, O BAKUMATSU E O FIM DA HEGEMONIA TOKUGAWA.....	23
3.1 A formação do <i>Shinsengumi</i>	28
3.2 Os primeiros conflitos.....	33
3.3 O começo do fim	33
3.4 O fim da hegemonia Tokugawa e a luta do Shinsengumi.....	35
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	47
6. ANEXO: CRONOLOGIA.....	50

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem o objetivo de analisar o papel do *Shinsengumi* (新撰組) – força de pacificação criada pelo governo xogunal que mantinha a ordem e paz na capital imperial de Quioto – no contexto da queda do xogunato Tokugawa, passando por uma breve avaliação histórica e cultural da trajetória do grupo. Ainda que não receba tanto destaque nas páginas da história japonesa em conformidade com seus feitos, é notável o quanto o *Shinsengumi* e seu caminho do *makoto* (誠) influenciou e até hoje influencia as pessoas, que reconhecem o espírito sincero do grupo que lutou até o fim acreditando em seus princípios. Com este trabalho de conclusão de curso, espera-se trazer mais fatos e conhecimentos para os leigos interessados no assunto, bem como os que também não conhecem nada sobre tal, podendo assim até nutrir interesse sobre o grupo.

O trabalho será dividido em quatro capítulos. No primeiro, apresentaremos ao leitor um breve panorama sobre o xogunato Tokugawa, desde sua escalada ao poder no final do período Sengoku (*Sengoku jidai*; 戦国時代), em setembro de 1600, até as crises que levaram à decadência da hegemonia, no período chamado *bakumatsu* (幕末; literalmente, “fim do bakufu”) e vai de 1853 até 1867. No segundo capítulo, falaremos sobre como essas crises resultaram também em conflitos políticos e civis na capital imperial de Quioto, que obrigaram o governo a criar uma força de pacificação local para conter tais problemas, o *Shinsengumi*.

No terceiro capítulo, abordaremos a história do *Shinsengumi*. Sua origem, os membros mais importantes, seu papel no contexto da queda do xogunato Tokugawa e como essa queda resultou também no fim do grupo, que foi um dos símbolos de resistência à nova era moderna japonesa. Por fim, fechamos o texto monográfico com as considerações finais, onde abordaremos o impacto posterior do grupo na contemporânea sociedade japonesa, o conceito do *makoto* dentro dos princípios do grupo, e a visão do mito do herói japonês no contexto do *Shinsengumi*.

A primeira oportunidade que tivemos de fazer um trabalho acadêmico sobre o *Shinsengumi* se deu em 2011, numa disciplina do curso de Letras Japonês onde cada estudante deveria organizar um seminário com tema livre sobre algum aspecto

da cultura japonesa. Nosso trabalho foi voltado totalmente para o *Shinsengumi*, porém enfatizando mais a abordagem em cima da cultura pop. Nesta época, pouco sabíamos sobre o assunto, por isso o trabalho esteve focado para o lado popular. Com o passar dos semestres, adquirimos mais conhecimento sobre o assunto e conseqüentemente houve um aumento do interesse, criando assim a oportunidade de fazermos este trabalho de conclusão de curso retratando o lado mais histórico do *Shinsengumi*. Realizar este trabalho é um desafio, pois por mais que se procurem relatos e referências sobre o grupo, geralmente acaba-se caindo nas mesmas fontes repetitivas e nem sempre confiáveis.

1. SOBRE O XOGUNATO TOKUGAWA

1.1 Estrutura do xogunato

A hegemonia militar do clã Tokugawa foi consagrada com o final da notória Batalha de Sekigahara em 1600, que pôs fim ao período de guerras civis e coroou o processo de unificação do Japão. Com a ajuda de poderosos aliados e daimiôs, Tokugawa Ieyasu (徳川家康; 1543-1616) foi o grande vencedor da batalha, tornando-se assim o senhor feudal mais poderoso do império na época. Em 1603, após centralizar e consolidar seu poder, recebeu diretamente do imperador o título de *sei-i-taishôgun* (征夷大將軍), que literalmente significa “chefe em comando das forças de expedição contra os bárbaros”, ou simplesmente “xogum”.

O regime estabelecido por Tokugawa Ieyasu ficou conhecido como “xogunato Tokugawa” assim como *bakuhan* 幕藩, por ser uma combinação do governo do xogum (*bakufu* 幕府) e de aproximadamente 260 feudos (*han* 藩) dirigidos por senhores feudais (*daimyô* 大名), indicados pelo xogum.



Figura 1 – Tokugawa Ieyasu

Tokugawa sediou seu governo em Edo, enquanto o imperador continuou em seu palácio em Quioto. Mesmo que almejasse preservar a independência de seu governo frente à corte, Tokugawa mantinha um regente no palácio imperial em Quioto junto ao imperador. Com isso, ele marcava sua presença e criava uma espécie de aliança com o imperador para evitar possíveis movimentos de rebeliões contra o xogunato, pois o mesmo seria também uma rebelião contra a corte imperial.

O xogunato Tokugawa não era apenas um governo militar com a função de unificar o país, mas uma estrutura governamental com estratégias eficazes que usou a unificação nacional a fim de obter controle absoluto das terras e, conseqüentemente, a paz interna. O regime de Ieyasu foi criado a partir dos modelos anteriores de Kamakura (*Kamakura bakufu* 鎌倉幕府; 1185-1333) e Muromachi (*Muromachi bakufu* 室町幕府; 1336-1573), porém aprofundando ainda mais a centralização do estado e da sociedade feudal.

O rígido sistema administrativo Tokugawa controlava os impostos locais, fazendo uso do *kokudaka* (石高), um sistema de taxaço com base na produço medida através do *roku*, entendido como o montante de arroz suficiente para alimentar uma pessoa por um ano. O imposto não era calculado a partir do que era de fato produzido, mas baseava-se no tamanho e na qualidade da terra. Note-se que o *roku* era utilizado, também, como uma espécie de moeda, servindo de pagamento para samurais vassalos que administravam os feudos de seus respectivos daimiões, ou até mesmo para medir o tamanho de terras feudais.

Ieyasu distribuiu os daimiões pelo território japonês, conferindo-lhes o direito de governar a população que vivia em seus feudos e controlar os impostos que eram arrecadados. Mas esse mesmo poder poderia ser também confiscado pelo xogun, que podia destituir os daimiões de seus cargos ou até mesmo transferi-los para outros domínios ou diminuir parte de suas propriedades de terra. Com esse sistema, Ieyasu pôde conceder a autoridade de daimião aos vassalos mais antigos e fiéis ao clã Tokugawa, nomeando-os *fudai daimyō* (譜代大名). Os *fudai daimyō* se fixavam em Edo (atual Tóquio), sede do governo xogunal, e em regiões vizinhas, fazendo contraste com a localização dos *tozama daimyō*. Esses *tozama* (外様; literalmente “clãs externos”) incluíam clãs que o haviam ajudado durante a batalha de Sekigahara, clãs inimigos e até mesmo clãs que se mantiveram neutros durante a luta. Porém, o que os diferenciavam das outras classificaço de daimiões era o fato de eles terem se tornado vassalos de Tokugawa apenas no fim da Batalha de Sekigahara. Ao se submeterem a Tokugawa sob essas condições, eram também os daimiões mais suscetíveis a intervenço de *bakufu*. Tokugawa distribuiu pedaços importantes de terras no centro do país para seus aliados *shinpan daimyō*, e concedeu aos seus clãs *tozama* terras em sua grande maioria nas áreas mais

distantes da região central do Japão, para evitar qualquer possibilidade de revolta. Por essa mesma razão, o xogum poderia também retirar, diminuir ou transferir as terras dos *tozama*, o que garantia a fidelidade dos mesmos por serem obrigados a seguir os deveres impostos pelo xogum.

Havia ainda outra classe de daimiôs, os *shinpan* (親藩), à qual pertenciam os descendentes diretos das Três Grandes Casas de Tokugawa e tinham como objetivo principal gerar possíveis sucessores para a linhagem do xogum quando necessário.

A abundância de domínios feudais era uma característica marcante do xogunato Tokugawa, e entre esses, tinham destaque os feudos de Owari, Kii e Mito, também conhecidos como as Três Grandes Casas de Tokugawa já mencionadas anteriormente. Destas três casas se originavam os possíveis sucessores de Ieyasu, enquanto os outros cerca de 145 feudos existentes pertenciam aos seus antigos aliados, os *fudai*, e seus tardios vassallos, os *tozama*. Esse último incluía os clãs de Chôshû e Satsuma – que mais tarde desempenhariam um importante papel no final do período Edo, tramando a queda do xogunato.

1.2 O período de isolamento e o início da crise no xogunato

Por muitos séculos, a figura imperial não passava de uma instituição cultural e figurativa, já que tudo girava ao redor do xogunato. Pouco a pouco, Ieyasu apoderou-se da autoridade do imperador, e logo passou a ditar regras para a corte, assim controlando-a de perto.

Em 1613, o *kinchû narabi ni kuge shohatto* (禁中並びに公家諸法度), foi promulgado como uma rígida ordem de 17 cláusulas que se estendia para toda a corte imperial e ditava regras para o imperador, e empregava funcionários do *bakufu* dentro da corte para supervisioná-lo. Em 1616, o xogunato instituiu também o *buke shohatto* (武家諸法度), uma espécie de compilação de editos militares que determinavam tarefas e responsabilidades para daimiôs, bem como seus vassallos da classe samurai. Desta compilação, destaca-se o *sankin kôtai* (参勤交代), um dever estatal implementado em 1634 pelo qual todos os daimiôs deveriam possuir

residências em Edo e em seus respectivos feudos, devendo assim passar 4 meses na sede do xogum e 8 meses em seus feudos, o que facilitava o cumprimento do serviço militar obrigatório dos mesmos na capital do xogum e os fazia gastar uma quantidade considerável de dinheiro a cada viagem entre um lugar e outro, diminuindo o capital de seus feudos gradativamente e revelando-se assim uma nova estratégia que dificultava a ideia de um possível ataque ao xogum.

O *bakuhan* tinha como princípio a ausência de opositores ou contestadores do poder absoluto do xogum. Para evitar possíveis atos rebeldes que pudessem desafiar sua hegemonia, o xogunato tomou uma série de atitudes radicais que tiveram início com o banimento do cristianismo a partir de 1616, dando continuidade às tentativas feitas por Toyotomi Hideyoshi em 1587. Por trás disso havia a preocupação de que os católicos supostamente não poderiam se subjugar ao regime autoritário e absoluto do xogunato devido à doutrina da religião, que seguia uma linha mais lateral e pregava a onipotência de um único Deus e a obediência a Ele, assim também como a submissão à Igreja Católica e sua autoridade máxima, o Papa, ameaçando assim a supremacia do xogum. Tokugawa também achava que o intercâmbio religioso, trazido principalmente por Espanha e Portugal, poderia resultar em possíveis intervenções econômicas de países europeus, o que conseqüentemente resultou também na sanção e logo depois expulsão da maioria dos comerciantes ocidentais e de suas mercadorias que aportavam no país. Essas medidas levaram ao isolamento do Japão (*sakoku* 鎖国), em 1637, que abria exceção apenas a holandeses, coreanos e chineses, que tinham permissão para aportar em Dejima, uma ilha nas cercanias de Nagasaki. A política de isolamento incluía também a expulsão dos missionários e religiosos estrangeiros. A proibição do cristianismo deu lugar ao crescimento e popularização do confucionismo e de seus valores como a lealdade e a obediência, que poderiam ser facilmente aplicados no cotidiano da sociedade governada pelos xoguns Tokugawa. Nesse contexto, também foram valorizados o budismo, religião oficialmente adotada pelo governo japonês há muitos séculos; e o xintoísmo, que continuava forte no âmbito popular.

O período de hegemonia dos Tokugawa foi também o de breve evolução socioeconômica no Japão. A sociedade estava hierarquicamente organizada da seguinte maneira: no topo, elite aristocrática, militar e religiosa; logo abaixo se encontravam os camponeses; depois, os artesãos; por fim, a nova classe mercantil em ascensão. No nível mais baixo estavam os marginais e os “párias”, sobretudo os

burakumin (部落民), considerados pessoas contaminadas devido a suas profissões¹. Nesse nível também encontravam-se os *rônin* (浪人; os samurais sem mestre). Com atribuições definidas e engessadas para cada segmento da sociedade, faltava ainda uma questão a ser enfrentada: a relação com o exterior.

Durante o período de isolamento, o Japão se desenvolveu sem a influência da cultura estrangeira. Experimentou um breve desenvolvimento agroeconômico na parte rural do país, e presenciou também o crescimento demográfico da população urbana, que crescia 1% ao ano. (SAKURAI, 2007, p. 126.) Este aumento da população japonesa, principalmente na parte urbana, serviu para consolidar a pirâmide social da época e facilitou a urbanização do país e o desenvolvimento interno-econômico dos feudos. Este desenvolvimento resultou também no florescimento do comércio, da economia monetária e a valorização da cultura nacional em vários aspectos, como os teatros *bunraku* (文楽) e *kabuki* (歌舞伎) e a popularização de artistas de rua e de trabalhos manuais. Com isso, comerciantes locais puderam alcançar um lugar definitivo na pirâmide social, fazendo com daimiôs acordos monetários e empréstimos.

O que parecia uma grande premissa na sociedade japonesa, porém, logo revelou suas consequências negativas. Com a redistribuição de feudos organizada pelos xoguns nos primeiros anos da hegemonia Tokugawa, muitos daimiôs, especialmente os *tozama*, perderam seus títulos ou foram substituídos por outros chefes de clãs aliados ao xogum. Várias reformas foram organizadas por esses daimiôs *tozama* com o passar do tempo para tentar recuperar o capital perdido para o bakufu, por causa da redução de território com consequências na arrecadação de impostos nos produtos agrícolas, particularmente o arroz. No entanto, essa atitude apenas fez com que os daimiôs mais desesperados gerassem uma crise dentro dos próprios feudos, originando várias revoltas rurais e deserções. Com a crise e a perda de títulos, seus respectivos servos também foram igualmente prejudicados. Sem mestres para servir, samurais vassalos perderam suas posições e se tornaram *rônin*, a maioria deles se mudando para cidades diferentes e vivendo como cidadãos comuns. A crise social se agravou com o passar dos anos, e a sucessão de

¹ Os *burakumin* trabalhavam em profissões como coveiros, executores de criminosos e animais, e limpadores de rua. Profissões como estas eram consideradas impuras para a sociedade, por isso a baixa posição na pirâmide social.

desastres naturais em certas regiões do Japão pioraram questões significativas, como a fome nos feudos devido à falta de colheita por problemas climáticos (COLLCUTT; JANSEN; KUMAKURA, 2008, p.139).

A situação não mudava. A crise socioeconômica havia piorado a ponto de provocar rebeliões dentro e fora dos feudos, sem contar as desconfianças e opiniões divididas sobre o governo Tokugawa, como consequência de tantas tentativas mal sucedidas de reformas. O sistema de organização feudal estava cada vez mais decadente. Não se importando com a inflação crescente, daimiôs e vassalos necessitavam de mais dinheiro para financiar seus estilos de vida. Para piorar, a crise econômica dos daimiôs contrastava com a necessidade de ter que viajar frequentemente para Edo, devido à política do *sankin kôtai*, o que significava despesas financeiras adicionais. Por isso, em muitos casos, os servos foram obrigados a produzir o dobro ou até mesmo o triplo do que de costume. Pouco sobrava para os feudos, visto que o arroz produzido era utilizado para o pagamento das dívidas dos daimiôs. Não demorou para que viessem as crises de fome dentro dos feudos, seguidas pelos levantes rurais, que o xogunato Tokugawa tentava sempre abafar. Neste contexto, o daimiô Matsudaira Sadanobu foi nomeado conselheiro chefe do xogunato Tokugawa para tentar corrigir os erros de seu antecessor Tanuma Okitsugu, que mesmo tendo realizado o crescimento comercial do país utilizando capital mercantil para a recuperação de regiões em crise, acabou se envolvendo em casos de corrupção com comerciantes devido a sua proximidade com esta classe. Sadanobu tentou aliviar o peso dos impostos sobre os samurais mais pobres dos feudos perdoando dívidas com mais de quatro anos e tentou também organizar a classe dos mercadores. Entretanto, nem estas medidas nem as tentativas de reformas dos daimiôs dentro de seus feudos impediram o declínio financeiro da classe samurai.

Fora do país, era constante a mudança geopolítica no globo terrestre devido ao avanço do capitalismo. O governo Tokugawa constantemente recebia notícias sobre a situação do Ocidente, através dos holandeses, que continuavam seus aliados. O Japão era um território muito visado pelas potências ocidentais—particularmente a Rússia, Estados Unidos e a Inglaterra, que pressionavam o país a abrir seus portos. A resistência do Japão em manter-se longe da presença ocidental foi posta em cheque em 1853, com a chegada dos navios americanos liderados pelo comodoro Matthew Cailbraith Perry. Este vinha com uma carta do presidente dos

EUA, que demandava um tratado entre os dois países, que previa a abertura dos portos japoneses. Em março de 1854, foi assinado o Tratado de Kanagawa que garantiu inicialmente a abertura dos importantes portos japoneses de Shimoda e Hakodate para fins comerciais. Selou-se, assim, o fim da longa política de isolamento e, conseqüentemente, abriu caminho para outros países como Rússia, Inglaterra e França estabelecerem relações diplomáticas e comerciais com o Japão (HILLSBOROUGH, 2005, p. 27).



Figura 2 – Representação da abertura dos portos japoneses em 1853



Figura 3 – Comodoro Matthew Calbraith Perry

2. OS CONFLITOS POLÍTICOS E A GUERRA CIVIL QUE CULMINOU NA CRIAÇÃO DO SHINSENGUMI

Após a chegada do comodoro Perry e o subsequente Tratado de Kanagawa, o descontentamento da maioria dos japoneses era visível. A presença de estrangeiros no país em consequência da abertura dos portos despertou um sentimento de humilhação e sofrimento nos japoneses. A opinião pública estava dividida e havia insegurança coletiva devido à descrença e decepção com o xogunato Tokugawa por ter falhado em proteger o país dos estrangeiros.

Duas linhas opostas de pensamento surgiram no país: o *Kaikoku* (開国), que defendia a abertura do país e era uma ideia sustentada sutilmente pelo xogum e comerciantes que se beneficiariam com a troca de mercadorias com outros países; e o *Jôï* (攘夷), que pregava a expulsão dos “bárbaros” ocidentais. Do movimento *Jôï* originou-se um movimento patriótico que pregava a reverência ao imperador e a expulsão dos estrangeiros, a *Sonnô-Jôï* (尊王攘夷), que posteriormente evoluiu para um slogan mais radical e violento, o *Kinnô-Tôbaku*² (勤皇倒幕) –“lealdade ao imperador e abaixo o xogunato Tokugawa”. O *Jôï* era a principal corrente de oposição ao regime xogunal, especialmente pelos samurais. O pensamento *Jôï* era advogado principalmente pelos clãs Chôshû, Satsuma, Tosa e Mito. Os dois primeiros formariam mais tarde a aliança *Satchô* (薩摩長州同盟, “*Satsuma-Chôshû dômei*”), para lutar contra o xogunato Tokugawa e provocar sua rendição em 1867. Os quatro clãs eram os principais *tozama*, “excluídos” do início do xogunato Tokugawa, mas com o tempo se transformaram em anti-Tokugawa, revivendo o sentimento de subjugação que perdurava desde o governo de Tokugawa Ieyasu e sua desigual divisão de terras entre clãs.

² O oposto de *Kinnô-Tôbaku* era o *Sonnô-Sabaku* (尊王佐幕), e designava as pessoas que apoiavam tanto o imperador quanto o xogum.

De acordo com Hillsborough (2005, p. 33):

The situation in the Imperial Capital continued to deteriorate. Unruly rônin flocked to Kyôto. Most were Imperial Loyalists with a vendetta against the Bakufu. All were men of high purpose. They wore two lethal swords at their left hip. They were raring to use their swords to expel the barbarians and punish the shôgun's government for allowing them entrance. In the spring of 1863, as blood flowed and chaos reigned in the Imperial Capital, the shogun was compelled to visit there –to report to the emperor his promise to expel the barbarians.

Os maiores adeptos do *Kinnô-Tôbaku* eram samurais xenófobos originários desses antigos clãs *tozama*, que abandonaram seus respectivos feudos e pregavam que o imperador era o verdadeiro governante do Japão. Com a chegada desses samurais xenófobos à Capital Imperial, os conflitos civis aumentaram, resultando em um número maior de assassinatos de civis estrangeiros e oficiais do governo Tokugawa. Estes samurais se autodenominavam *shishi* (志士 – literalmente, “homens com um propósito maior”, patriotas) e diziam que o xogum era apenas um subordinado do imperador que tinha a tarefa de proteger o país da invasão estrangeira. Mas como o xogum havia falhado na tarefa, propagou-se a ideia de que a corte imperial deveria ser restaurada para salvar a nação. Ou seja, enquanto o xogunato dominava Edo com seus decretos e impostos, a corte imperial se reerguia lenta e silenciosamente em Quioto com a ajuda de partidários anti-Tokugawa.

A guerra política entre os partidários xenófobos e os pró-estrangeiros explodiu em 1858, quando o então *tairô* (大老, “regente do xogum”) Ii Naosuke fechou um acordo comercial e extraterritorial com os Estados Unidos em nome de Edo sem a sanção imperial, o Tratado Harris, separando assim seu governo das facções que não apoiavam suas relações com o exterior. Deste acontecimento originou a purga de Ansei, onde várias pessoas com posições de destaque dentro da hierarquia do xogunato, nos feudos e na corte imperial foram punidas por fazerem parte da facção que se opunha ao intercâmbio comercial do Japão com outros países. A ação inconsequente de Naosuke causou represália direta para o regente, que foi assassinado em 1860 no portão do castelo de Edo por um grupo de espadachins rebeldes, após ser acusado de traição ao imperador.



Figura 4 – Ii Naosuke

Com a morte de Ii Naosuke, o xogun Tokugawa Iemochi tinha um grande problema em mãos. Não apenas por ser jovem e ter que conter as insurreições dos rebeldes na Capital Imperial, mas também por não ter condições militares para ao menos continuar a suposta tarefa de expulsar os estrangeiros do país e conter os *rônin* (浪人), samurais errantes que assolavam cada vez mais as ruas de Quioto. Como consequência, foi criado o cargo de Segurança de Quioto (京都守護職, “*Kyōto Shugoshoku*”) em 1862, que inicialmente tinha como objetivo vigiar a Capital Imperial quando da visita obrigatória do xogun à Corte Imperial. O escolhido para ocupar tal cargo foi Matsudaira Katamori, líder da família Matsudaira e daimiô do feudo de Aizu, pertencente a uma das principais famílias aliadas de Tokugawa. Para realizar tal tarefa, as autoridades do xogunato montaram um plano no qual samurais de Edo seriam enviados até Quioto para ajudar a interromper as atividades dos rebeldes na cidade.



Figura 5 – Matsudaira Katamori, o Segurança de Quioto

Em abril de 1862, o daimiô de Satsuma, Shimazu Hisamitsu, se candidatou para realizar a ação e liderou cerca de mil homens de Edo até Quioto com o pretexto de unir forças com a Corte Imperial. Porém, o plano logo se revelou como uma tentativa de Shimazu ganhar prestígio na Capital Imperial e, com isso, se sobressair ao feudo rival de Chôshû, fortalecendo também sua influência em Edo com sua autoridade de daimiô. Mas Shimazu foi surpreendido por um plano realizado por esses mesmos recrutados samurais e por seus respectivos vassallos, que queriam invadir o palácio imperial e assassinar simpatizantes do governo Tokugawa. Por sorte, desencontros e más interpretações —incluindo a de que Shimazu supostamente sabia do plano secreto de seus subordinados— resultaram numa tentativa malograda de revolta direta contra o xogunato.



Figura 6 – Shimazu Hisamitsu

Após a fracassada tentativa de revolta, as autoridades decidiram recrutar *rônin*, renomeando-os como *rôshi* (浪士) e declarando até mesmo anistia para criminosos que quisessem se alistar nas tropas. O plano foi encabeçado por Matsudaira Chikaranosuke, que por ser parente próximo do xogum e instrutor de esgrima da academia militar do xogunato em Edo, logo conseguiu alguém ideal para atrair *rônin* para o alistamento. Seu nome era Kiyokawa Hachirô, um dos vassallos de Shimazu que teve participação na revolta fracassada contra o xogunato. Kiyokawa se declarava abertamente adepto do *Kinnô-Tôbaku* e, mesmo sendo observado de perto pelo xogunato por causa de seu comportamento problemático, foi perdoado devido à lei de anistia de crimes para aqueles *rônin* que participassem da nova tropa de proteção ao xogum. Sob o slogan de “Lealdade e patriotismo”, que logo se tornou sinônimo de “Reverência imperial e expulsão aos bárbaros” nas mãos de Kiyokawa, este conseguiu recrutar um grande número de homens para partirem para Quioto em 1863 e cumprirem sua primeira missão.

Devido às roupas e à atitude abusiva e violenta com alguns populares e comerciantes locais, não tardou para que o grupo composto por esses *rôshi* recebessem o apelido de “Lobos de Mibu” (壬生浪 – *miburô*, um trocadilho com o verdadeiro significado do termo, “*rônin* de Mibu”, com a má fama que o grupo sustentou nos seus primeiros anos), fazendo referência à localização do quartel general na época de criação do grupo. Ao chegarem ao local, Kiyokawa impôs a todos os integrantes que fossem leais ao imperador e não ao xogum. A tarefa de ir até Quioto não era para proteger o xogum, mas apenas para ajudá-lo a

supostamente expulsar os estrangeiros do país, já que todos os que se consideravam *shishi* deveriam ser fiéis apenas ao imperador e não a Tokugawa. Dito isso, obrigou todos os *rôshi* presentes a assinarem uma carta destinada ao imperador onde afirmavam ser um exército *Sonnô-Jôi*, o que fizeram prontamente por medo de se oporem a Kiyokawa. A carta foi aprovada pelos partidários do imperador na corte, mas os que estavam do lado de Tokugawa, incluindo até mesmo os *rôshi* recrutados, se revoltaram com a mesma e tentaram fazer com que o assunto não se espalhasse pela Corte Imperial, mesmo que isso significasse acabar com a vida de Kiyokawa (HILLSBOROUGH, 2005, p. 39).



Figura 7 – Kiyokawa Hachirô

Enquanto a corte se decidia sobre o que fazer com Kiyokawa, um incidente em Edo envolvendo o assassinato de um civil inglês por samurais de Satsuma fez com que Kiyokawa tivesse a chance de pedir para voltar à capital do xogunato, com a desculpa de ajudar a expulsar os estrangeiros restantes. O xogunato aceitou o pedido, visto que o governo estava ciente de que nunca conseguiria cumprir a tarefa completamente. Entretanto, seu verdadeiro objetivo continuava sendo a eliminação de Kiyokawa e seus aliados antes que eles pudessem se tornar uma real ameaça. Para isso, o xogum arranjou um decreto imperial através de um conselheiro da corte, utilizando a desculpa de que os *rôshi* finalmente poderiam voltar para Edo e lutar adequadamente em caso de guerra. Porém, mesmo com o decreto imperial, alguns soldados resolveram permanecer em Quioto. Treze soldados haviam desenvolvido uma verdadeira lealdade ao xogum, pois realmente acreditavam no dever de guardá-lo e expulsar os estrangeiros. Por não concordarem com a ordem imperial

que havia sido emitida de forma irregular por Kiyokawa, que era um inimigo declarado de Tokugawa, esses treze soldados preferiram sair das tropas *rôshi* para alcançarem seus verdadeiros propósitos, ou seja, “Lealdade e patriotismo” sob a autoridade do xogum. Após emitirem uma petição ao Segurança de Quioto para permanecerem na cidade até que o xogum retornasse a Edo e receberem sinal positivo, estes treze soldados criaram o grupo que mais tarde se tornaria conhecido como *Shinsengumi*³ (HILLSBOROUGH, 2005, p. 41), e que será o assunto do próximo capítulo.

³ Inicialmente, o grupo liderado por Kiyokawa Hachirô se chamava *Rôshigumi* (grupo de *rôshi*) e não mudou seu nome até que os membros que pediram para continuar em Quioto para guardar o xogum tivessem seu pedido aceito pelo Segurança de Quioto. Os membros restantes que voltaram para Edo formaram o *Shinchôgumi* (新徴組), sob a proteção do *han* de Shônai.

3. O SHINSENGUMI, O BAKUMATSU E O FIM DA HEGEMONIA TOKUGAWA

3.1 A formação do *Shinsengumi*

Formado em agosto de 1863, no início, o *Shinsengumi* (新撰組) – “Tropa de novos escolhidos”, foi liderado por dois homens rivais: Kondô Isami e Serizawa Kamo. De origem camponesa, Kondô Isami recebeu o nome de Miyagawa Katsugorô e nasceu na região de Tama, governada por Tokugawa e conhecida por seus habitantes acostumados à tradição de artes marciais e literatura, o que era incomum, pois geralmente civis eram proibidos, por lei, de manejar armas. Miyagawa foi adotado por Kondô Shûsuke, mestre da *Shieikan*⁴, famosa escola de *kenjutsu*⁵ em Edo e logo foi apontado como herdeiro da gerência do *dôjô*⁶, o que causou uma repentina popularidade da escola na região devido à dedicação de seu novo mestre. Um de seus discípulos mais famosos foi Hijikata Toshizô, que aprendeu a arte do *kenjutsu* no *dôjô* construído em sua própria casa. Esta era frequentemente visitada por Shûsuke e Isami devido à relação que estes possuíam com Satô Higokorô, cunhado de Hijikata e aprendiz de Shûsuke. Foi neste mesmo *dôjô* em Hino, sua cidade natal, que Hijikata conseguiu realizar sua promessa de infância de se tornar samurai. Posteriormente, ele se alistou nas tropas *rôshi*, onde mais tarde se tornaria o *onifukuchô* (鬼副長) – o “vice comandante demônio” do *Shinsengumi*.

⁴ Escola onde era ensinada a técnica do *Tennen Rishin Ryû*, um dos mais famosos estilos de luta de espada japonês, que a maioria dos integrantes do *Shinsengumi* costumava praticar.

⁵ “Técnica da espada”, a arte japonesa clássica do combate com espadas.

⁶ Local de prática das técnicas marciais japonesas.



Figura 8 – Hijikata Toshizô



Figura 9 – Kondô Isami

Outros importantes membros da organização também tiveram suas raízes na escola *Shieikan*, como Okita Sôji, Nagakura Shinpachi – que de acordo com os próprios relatos, foi o principal incentivador para que todos se alistassem nas tropas *rôshi*⁷ – Yamanami Keisuke, Inoue Genzaburô, Tôdô Heisuke e Harada Sanosuke. Apenas Saitô Hajime não teve ligação com a escola, pois este se juntou ao *Shinsengumi* depois que o grupo foi formado após fugir para Quioto. Ele tinha executado, por engano, um samurai *hatamoto* (旗本)⁸ em Edo, e aproveitou a anistia geral de crimes que acontecia na Capital Imperial para se juntar ao *Shinsengumi*. Cada um desses samurais mencionados acima, sob o comando de Kondô Isami, ocupavam posições importantes no grupo, como o cargo de capitães dos diversos esquadrões de patrulha e combate dentro do *Shinsengumi* (ver tabela com Facção de Kondô).

Serizawa Kamo, o segundo comandante do *Shinsengumi*, se alistou nas tropas *rôshi* comandadas por Kiyokawa Hachirô em 1863, após também ser beneficiado pela anistia geral proclamada pelo xogunato com o objetivo de conseguir

⁷ Nagakura foi um dos últimos sobreviventes do grupo do fim do período Edo e do *Shinsengumi*. Em 1882, virou instrutor de *kendô* (“caminho da espada”, técnica japonesa com a espada derivada do *kenjutsu*) em Hokkaidô, e lá escreveu suas memórias sobre o *Shinsengumi*, que posteriormente foram publicadas com o nome de “*Shinsengumi Tenmatsuki*”.

⁸ Samurai que estava a serviço direto do xogunato.

soldados voluntários. Antes, Serizawa havia sido preso por liderar um movimento *Sonnô-Jô* no domínio de Mito. Lá, ele executou três de seus subordinados por razões fúteis e, por esse motivo, foi preso e condenado à morte em Edo (HILLSBOROUGH, 2005, p. 54). Por ser um dos comandantes do *Shinsengumi* e ter uma personalidade arrogante e violenta, não demorou para que sua fama se espalhasse pela Capital Imperial. Por agir de forma hostil com os civis e até mesmo com membros da Corte Imperial, recebeu inúmeras advertências do Segurança de Quioto. Conseqüentemente, em pouco tempo o *Shinsengumi* se dividiu entre duas facções⁹ – a de Kondô e a de Serizawa, como indicam as tabelas a seguir:

- Facção de Serizawa:

Comandantes	Serizawa Kamo Niimi Nishiki
Vice comandantes	Hirayama Gorô Hirama Jûsuke Araya Shingorô Saeki Matasaburô

⁹ Na verdade, havia ainda uma terceira facção, a de Tonouchi Yoshio. Composta por apenas quatro membros, era a menor do grupo e foi eliminada logo após a conspiração que resultou no assassinato de Serizawa e seus subordinados.

- Facção de Kondô:

Comandante	Kondô Isami
Vice comandantes	Hijikata Toshizô Yamanami Keisuke
Assistentes	Okita Sôji Nagakura Shinpachi Harada Sanosuke Tôdô Heisuke Saitô Hajime Yamazaki Susumu

Após a separação dos integrantes iniciais, outros *rôshi* foram recrutados para o grupo, que logo superou os trezentos membros. O quartel general do *Shinsengumi* continuou situado na residência Yagi, vila de Mibu, porém o novo número de integrantes indicava que novas providências deveriam ser tomadas para melhor organização do grupo.

A mudança no *Shinsengumi* começou com a adoção de um novo uniforme. Ao invés de cotas de malha e armaduras velhas que certamente não seriam de grande ajuda para as futuras batalhas, os soldados receberam um uniforme oficial de cor azul clara com pontas brancas na base do *haori* (羽織), com uma corda que era passada por cima do peito e fechada nas costas, chamada *tasuki*. O uniforme se destacava pela cor incomum e ajudava na hora de localizar companheiros durante as patrulhas diárias pela cidade de Quioto. O símbolo oficial do grupo era o caractere chinês de *makoto* (誠) estampado em um comprido estandarte de cor vermelha que era carregado diariamente pelos soldados também durante as patrulhas. O símbolo pode ser traduzido como “sinceridade”, fazendo menção à lealdade que possuíam pelo xogum Tokugawa. O *makoto* era a regra principal sob a qual os membros do *Shinsengumi* viviam. Apesar da comum tradução de “sinceridade”, vários outros significados podiam ser aplicados ao cotidiano do grupo, como por exemplo, a “fidelidade”, a “perseverança” e a “devoção”. Por ser também

uma palavra associada à filosofia do *bushidô* (武士道), o caminho do guerreiro, pode-se retirar desse conceito também o significado do verdadeiro herói, a pureza no espírito e em suas ações, principalmente na hora de levantar a espada, pois uma vez que tal ação fosse realizada, o samurai não poderia mais voltar atrás – fato que se reflete no código de leis que regia o *Shinsengumi*.



Figura 10 – Representação das roupas utilizadas pelo *Shinsengumi*



Figura 11 – Real estandarte com o kanji de *makoto* utilizado pelo *Shinsengumi*

Coisas como “lutar por razões pessoais”, “lucrar para benefício próprio”, “deserção” e “não lutar até o fim durante uma batalha com seus companheiros” eram violações de código graves que quase sempre eram punidas com *seppuku* (切腹), a comum prática suicida de corte do ventre reservada para a classe samurai. Mas se o samurai não fosse considerado honroso o suficiente para morrer de tal maneira, seu destino era apenas a decapitação. Ironicamente, um dos homens mais importantes do *Shinsengumi*, Yamanami Keisuke, foi obrigado a cometer *seppuku* em 1865, após desertar por achar que “o grupo havia perdido seu verdadeiro objetivo com o passar do tempo e com o prestígio crescente que subiu à cabeça de seus líderes” (HILLSBOROUGH, 2005, p. 66). E Serizawa Kamo, que por causa de sua conduta incorrigível se provou um incômodo para a reputação do grupo, foi executado junto dos membros restantes de sua facção em uma emboscada, ordenada pelo

Segurança de Quioto em setembro de 1863. Após a morte de Serizawa e seus subordinados, Kondô e Hijikata passaram a ter o controle total sobre o *Shinsengumi*, que agora tinha a seguinte formação:

Comandante	Kondô Isami
Vice comandantes	Hijikata Toshizô Yamanami Keisuke
Capitão da primeira divisão	Okita Sôji
Capitão da segunda divisão	Nagakura Shinpachi
Capitão da terceira divisão	Saitô Hajime
Capitão da quarta divisão	Matsubara Chûji
Capitão da quinta divisão	Takeda Kanryûsai
Capitão da sexta divisão	Inoue Genzaburô
Capitão da sétima divisão	Tani Sanjûrô
Capitão da oitava divisão	Tôdô Heisuke
Capitão da nona divisão	Suzuki Mikisaburô
Capitão da décima divisão	Harada Sanosuke

3.2 Os primeiros conflitos

Em abril de 1863, o xogum finalmente começou os preparativos para cumprir sua promessa ao imperador de expulsar os estrangeiros. A bordo do navio *Jundô Maru*, comandado pelo então oficial da marinha japonesa e estadista Katsu Kaishû, o xogum viajou de Quioto até a costa de Osaka, observando a baía para preparar estratégias de defesa costal perto da região da Capital Imperial. Em 9 de maio, um dia antes do prazo final dado ao xogum para cumprir sua promessa, as autoridades atenderam às exigências do governo britânico que pedia reparações pela morte de um mercador inglês nas mãos de samurais de Satsuma, o que foi a desculpa

perfeita para opositores do xogunato dentro da Corte Imperial e samurais rebeldes se unirem para atacarem Tokugawa. As autoridades do xogunato ordenaram ao xogum que retornasse para Edo para que assim pudesse ficar a salvo de qualquer ataque monarquista.



Figura 12 – Katsu Kaishû

De todos os feudos monarquistas e abertamente adeptos da política anti-Tokugawa, Chôshû era o mais radical. Como se quisesse deixar claro sua posição para Tokugawa em relação à sua tarefa inacabada de expulsão dos estrangeiros, Chôshû encarou o problema como um assunto pessoal e quis resolver a questão da expulsão com seus próprios recursos, abrindo fogo inadvertidamente contra os navios americanos que estavam em Shimonoseki. O resultado veio dias depois, com um contra-ataque que destruiu grande parte do poder bélico e naval do feudo. Analisando a violência do ataque e percebendo que as proporções seriam muito maiores caso não tomassem uma atitude, os comandantes do *Shinsengumi* ainda tentaram interceder para que o xogum permanecesse em Quioto a fim de evitar mais retaliações. No entanto, o pedido foi negado, e a tarefa de expulsão dos estrangeiros não foi concluída, pois o xogum retornou para sua capital no mês seguinte.

O ataque do feudo de Chôshû deixou clara a ameaça para o *Shinsengumi*, pois ambos tinham o mesmo objetivo de expulsar os estrangeiros do país, porém sob comandos diferentes. Para Chôshû, o único jeito de cumprir efetivamente a

tarefa de expulsão dos estrangeiros era destruindo o xogunato Tokugawa, e por isso Kondô Isami declarou a proteção do xogum como prioridade máxima, visto que a incapacidade – encarada como proposital para muitos – do xogum em expulsar estrangeiros se tornava uma desculpa para os pró-monarquistas realizarem seus ataques. Após um novo ataque surpresa de Chôshû em agosto de 1863 nos portões do palácio imperial no qual o feudo de Aizu foi obrigado a se unir com Satsuma e utilizar os reforços do *Shinsengumi*, o grupo finalmente recebeu ordens oficiais do Segurança de Quioto para patrulhar a cidade noite e dia (HILLSBOROUGH, 2005, p. 63). Ou seja, agora a presença do *Shinsengumi* em Quioto era permanente e essencial para manter a ordem na cidade contra os rebeldes pró-imperialistas, principalmente de Chôshû e de seus aliados samurais.

Ao receber a aprovação do Segurança e também da própria Corte Imperial, que após o ataque obrigou Chôshû a recuar com suas tropas, o grupo se tornou uma poderosa força de segurança. Isso se deu graças ao bom desempenho na luta baseada no código de conduta criado por seus comandantes. Mesmo após a aliança de Aizu e Satsuma e a expulsão das tropas rebeldes de Chôshû, o perigo de uma guerra civil ainda era iminente. Para evitar tal situação, foi organizada uma reunião com vários representantes dos feudos japoneses. Obviamente, líderes de Aizu, Satsuma e Tosa estavam presentes, assim como Kondô Isami, que, por manter laços militares com Aizu¹⁰, também compareceu à reunião. Por ter uma alta posição em um grupo que agora era conhecido em praticamente todo o país, por sua força e lealdade ao xogunato, a presença de Isami era indispensável, e sua opinião era compartilhada por muitos samurais.

Kondô defendia que a Corte Imperial deveria ser acolhida junto ao xogunato, para que as duas partes se unissem e se auxiliassem na tarefa de expulsar os estrangeiros do país, como uma só nação através do mesmo sentimento de cooperativismo entre pessoas de diversas classes sociais. Esse era um pensamento utópico que poderia ter dado certo, não fosse o fato de que o xogum na verdade não tinha planos para a expulsão dos estrangeiros ou tentar impedir a entrada dos mesmos através dos portos. Naquele momento, seu único objetivo era apaziguar a xenofobia da Corte Imperial enquanto tentava restaurar seu poder político com a

¹⁰ O *Shinsengumi* era patrocinado pelo domínio de Aizu, lar do Segurança de Quioto. Por isso, os laços militares com essa região.

ajuda dos poderosos feudos que tomaram parte naquela reunião para tentar uma possível “União de Corte e Xogunato”. Por seu lado, Kondô queria expulsar os estrangeiros com o *Shinsengumi*, sob o comando e a autoridade do governo Tokugawa, e também eliminar os inimigos comuns deles. Ao perceber que o xogum não tinha a intenção de realizar a ação *Jôji*, o comandante do *Shinsengumi* emitiu uma carta ao feudo de Aizu requisitando sua saída do grupo, pois a ação do xogum ia contra tudo o que ele e seus companheiros acreditaram na hora do alistamento – não só proteger o xogum e eliminar seus inimigos, mas também lutar em Quioto auxiliando na expulsão dos estrangeiros. Para evitar confusão e, conseqüentemente, o fim do grupo, as autoridades Tokugawa ofereceram a Isami e aos seus soldados posições de destaque na hierarquia Tokugawa, e garantiram também que o xogum desta vez cumpriria a ordem de expulsar os estrangeiros – com a ajuda do *Shinsengumi*, obviamente.

Com o valor do grupo e o motivo de sua existência reafirmados, o *Shinsengumi* continuou a investigar sobre mais possíveis ataques de monarquistas. Em 1864, descobriram que samurais de Chôshû – que já haviam sido proibidos de pisarem em Quioto novamente – e grupos de *rônin* estavam agindo de forma suspeita, entrando e saindo da hospedaria Ikeda, que era conhecida por seu proprietário compartilhar ideias monarquistas e também por ser frequentada principalmente por samurais de Chôshû. Após prenderem e interrogarem sob tortura dois homens agindo de forma suspeita nos arredores da hospedaria em junho, descobriram que os rebeldes monarquistas planejavam assassinar o Segurança de Quioto, bem como as autoridades do xogunato e também atear fogo ao palácio imperial, sequestrar o imperador Komei e levá-lo ao feudo de Chôshû. Depois de uma breve investigação, o *Shinsengumi* descobriu o esconderijo daquele que planejou o ataque monarquista. Seu nome era Miyabe Teizô e este se abrigava em uma loja de antiguidades chamada Masu'ya, que ficava perto de Ikeda e servia de esconderijo para os monarquistas rebeldes de Chôshû e Tosa.

Ao chegarem à loja, não o encontraram, mas após revistarem o local descobriram documentos importantes que comprovavam os boatos dos objetivos do ataque, e prenderam o proprietário da loja em seu lugar, que revelou, sob tortura excruciante no quartel general do *Shinsengumi*, que os rebeldes estavam espalhados em várias hospedarias ao redor do centro de Quioto. O acontecimento

ficou conhecido como o “Incidente em Ikeda’ya”¹¹, indicando o palco da luta sangrenta entre o *Shinsengumi* e os dissidentes de Chôshû. Muitos estudiosos afirmam que esse incidente fora decisivo para adiar um pouco mais o fim da hegemonia Tokugawa, visto que o *Shinsengumi* conseguiu realizar grandes baixas no grupo de rebeldes que havia arquitetado um plano tão audacioso contra o xogunato.



Figura 13 – Foto antiga do interior da hospedaria Ikeda

Com a derrota dos rebeldes e o aumento do prestígio do *Shinsengumi* – que havia ganhado até mesmo o reconhecimento do imperador Kômei e sido recompensado pelo feudo de Aizu – não demorou para que as notícias logo chegassem ao feudo de Chôshû. Após o massacre, as divididas opiniões entre os habitantes do domínio – conservadores que queriam “poupar o xogunato” e monarquistas radicais sedentos por guerra – se tornaram uma só, ou seja, todos estavam dispostos a tentar destruir o governo Tokugawa. No final de junho, os rebeldes remanescentes de Chôshû informaram a Corte Imperial que pretendiam permanecer em Quioto para investigar sobre os responsáveis do “Incidente em Ikeda’ya” e tomar providências para puni-los. Mas a Corte sabia que era apenas uma desculpa de Chôshû para tentar recuperar seu lugar de prestígio, provando sua lealdade ao imperador, e tentar destruir o xogunato ao realizar tal ação. Assim, a Corte negou o pedido, visto que esta ainda estava tecnicamente ligada ao governo

¹¹ “池田屋事件” (*Ikedaya Jiken*), incidente ocorrido em maio de 1864.

de Iemochi e o deferimento ao pedido constituiria apenas uma ameaça à paz entre a Corte e o Xogunato. Ao ser informado de tal ato, o xogunato colocou um exército de mais de cinquenta mil homens sob seu comando em alerta pela cidade, e junto com a Corte Imperial emitiu uma ordem para qual Chôshû retirasse suas tropas rebeldes de Quioto até 19 de julho de 1864. Porém, os rebeldes realizaram um ataque surpresa na noite anterior ao prazo final. Sendo derrotados mais uma vez, após Satsuma entrar em ação para ajudar Aizu, e por terem aberto fogo contra o palácio imperial, o clã de Chôshû foi declarado oficialmente inimigo imperial.

Por adotar uma filosofia naturalmente xenófoba, Chôshû realizava seus atos em Quioto esperando chamar a atenção do resto do país com sua revolta sobre a falha do xogunato em expulsar os estrangeiros. A rebeldia do clã se tornou sua própria armadilha, que ao recusar mais uma vez a entrada de navios estrangeiros na costa de Shimonoseki e desobedecer o xogum, teve sua frota costeira quase completamente destruída e se viu obrigado a assinar um acordo de paz com os quatro países envolvidos – Grã Bretanha, França, EUA e Holanda – eventualmente desistindo da filosofia *Jôï* e concentrando-se apenas em extinguir o regime Tokugawa.

3.3 O começo do fim

Ainda no mesmo mês de julho, logo após a rebelião de Chôshû, a Corte Imperial emitiu, com a ajuda das autoridades Tokugawa em Edo, um edito para que o xogunato punisse o clã. Então, o xogunato solicitou a ajuda militar de mais de vinte feudos a fim de se preparar para uma expedição contra Chôshû para que pudessem realizar a retaliação. Mais uma vez, Kondô viu a oportunidade perfeita para ser útil ao regime Tokugawa e aproveitou a situação para recrutar ao menos cinquenta novos membros para seu grupo. No entanto, o que o xogunato nem o *Shinsengumi* podiam prever era que, em novembro do mesmo ano, a data da primeira expedição, as forças de Satsuma se recusariam a atacar Chôshû. De acordo com o comandante das tropas de Satsuma em Quioto, Saigô Takamori, “a presença iminente de inimigos do xogunato enfraqueceria a popularidade do regime”, e por isso ele ofereceu soluções que evitassem o conflito, como a punição dos

comandantes dos ataques rebeldes ao palácio e Capital Imperial por meio de *seppuku* e um pedido de desculpas formal por parte do daimiô de Chôshû (HILLSBOROUGH, 2005, p. 136). As condições foram aceitas por Chôshû, mas os rebeldes monarquistas continuavam com seu slogan anti-Tokugawa, dessa vez exigindo o fim do regime e a reverência total ao imperador.

A ameaça se tornou real em abril de 1865, quando o xogunato preparou uma segunda expedição contra Chôshû. Mesmo com baixa popularidade entre os feudos e com pouca verba para bancar equipamento o bélico de ponta para enfrentar o domínio inimigo, em junho de 1866 as tropas do xogunato iniciaram a ação. Mais uma vez, Satsuma se recusou a atacar Chôshû, o que foi prontamente considerado como traição por parte de Aizu. De fato, o samurai estrategista originário de Tosa, Sakamoto Ryôma¹² estava se encontrando secretamente com Saigô Takamori para obter o auxílio de Satsuma na aquisição de material bélico com comerciantes estrangeiros presentes na costa japonesa, para armar os monarquistas de Chôshû. A aliança entre os dois feudos – conhecida popularmente como “Aliança Satchô” – tinha o objetivo explícito de derrubar o xogunato Tokugawa.



Figura 14 – Saigô Takamori



Figura 15 – Sakamoto Ryôma

¹² Ryôma é conhecido por ter sido uma das figuras mais influentes do movimento anti-Tokugawa e a favor da restauração do poder para a Corte Imperial. Assassinado em novembro de 1867 junto a outro importante membro da revolução anti-Tokugawa, Nakaoka Shintarô, o caso ainda causa controvérsias entre historiadores por nunca ter tido uma solução definitiva.

Sabendo da iminente guerra entre Aizu e Satsuma, o xogunato pediu a intervenção de Katsu Kaishû, agora ex-oficial da marinha japonesa. O xogum Iemochi pediu o auxílio de Kaishû pois, segundo ele, “Katsu Kaishû era o único homem em Edo que ainda possuía o respeito e confiança dos revolucionários” (HILLSBOROUGH, 2005, p. 143). Kaishû conseguiu realizar o acordo, porém Edo ainda sustentava seu pensamento hostil contra Chôshû. Ironicamente, o xogum Tokugawa Iemochi faleceu em seu castelo de Osaka, em julho de 1866, pouco tempo após o acordo de paz selado entre Aizu e Satsuma. Isso foi a deixa para que Chôshû atacasse novamente, derrotando o exército do xogum e seu poder bélico ultrapassado que havia tentado invadir seu domínio mais uma vez. O então recém-nomeado xogum Tokugawa Yoshinobu não teve outra escolha a não ser optar por um acordo de cessar fogo, visto que sua influência sobre os outros feudos estava cada vez mais decadente, ainda mais depois da última tentativa de expedição contra Chôshû que terminou em agosto de 1866.

3.4 O fim da hegemonia Tokugawa e a luta do Shinsengumi

A decadência da influência do xogum diante dos principais feudos se refletia diretamente nos rumos do *Shinsengumi*, que inevitavelmente não teria mais uma causa para lutar. A fama do grupo se espalhou pela Capital Imperial após o episódio ocorrido em Ikeda'ya, mas, de acordo com relatos de membros sobreviventes do final do período Edo, como por exemplo, Nagakura Shinpachi, o acontecimento também influenciou para que o comportamento do comandante Kondô mudasse drasticamente. Segundo Nagakura, a “personalidade perseverante e prestativa de Kondô passou a ser a de um homem com sede de poder e reconhecimento de suas tropas e um tanto egoísta, muitas vezes partindo para a espada” (HILLSBOROUGH, 2005, p. 124). O comportamento do comandante também serviu para manter a ordem dentro do *Shinsengumi* em relação a integrantes dissidentes monarquistas. Este foi o caso da entrada de Itô Kashitarô¹³ no final de 1864, que causou a

¹³ Nascido Suzuki Okura, foi adotado na família Itô e teve seu nome mudado para Itô Kashitarô pouco depois de ingressar no *Shinsengumi*. Por ser abertamente adepto da política *Kinnô-Tôbaku*, Itô e seus aliados se retiraram do grupo após a morte do imperador Kômei e criaram outro grupo (o *Goryô*

separação do grupo em duas facções novamente – a de Itô e a de Kondô – Itô planejava utilizar o nome do grupo para lutar contra a causa de Tokugawa. No entanto, ele foi brutalmente executado com sua facção antes que pudesse se tornar um problema sério.

A despeito de sua conduta um tanto dúbia para um comandante, a influência que Kondô e seus homens exerciam diretamente na política japonesa era inegável. Eles sempre participavam de reuniões feudais e, em várias ocasiões, receberam ofertas de cargos de destaque para seus membros na hierarquia Tokugawa. Muitas vezes, Isami recusou tais cargos até que, em junho de 1867, o *Shinsengumi* finalmente recebeu o status de *hatamoto* – ou seja, agora eles trabalhavam oficialmente para o regime Tokugawa, e o comandante recebeu o privilégio de ter acesso direto ao xogum. Porém, infelizmente o imperador Kômei havia falecido em dezembro de 1866, e esse fato resultou na queda drástica e definitiva da influência do governo Tokugawa, já que, enquanto vivo, o imperador mantinha uma relação cordial com o xogunato e era o único obstáculo para os opositores da Corte que queriam a total restauração do poder imperial. O herdeiro de Kômei, príncipe Mutsuhito – mais tarde conhecido como imperador Meiji – era jovem demais para assumir o trono, por isso ficou sob a guarda de seu avô materno Nakayama Tadayasu, que era confidente do líder do movimento anti-Tokugawa na corte, Iwakura Tomomi. Com a ajuda de Satsuma e Chôshû, ele planejou a queda do xogunato com um ataque secreto à residência do daimiô de Aizu (e também Segurança de Quioto), além de ter arquitetado a punição do xogum Yoshinobu. Ao descobrirem o plano, as autoridades Tokugawa tomaram providências para que o *Shinsengumi* ficasse de guarda no portão da residência de Nakayama em vigília, dia e noite, enquanto seu exército patrulharia a cidade. Por causa de seu laço de sangue com o herdeiro do falecido imperador, Nakayama havia conseguido também retirar do daimiô de Chôshû o título de “Inimigo Imperial”, por meio de um decreto imperial.

Eiji (御陵衛士), que tinha por objetivo guardar a tumba do imperador. Pelo crime de deserção e por desavenças políticas, Itô e sua facção foram executados em dezembro de 1867, no que ficou conhecido como o Incidente de Aburano Koji (油小路事件, “*Aburano Koji Jiken*”).



Figura 16 – Tokugawa Yoshinobu

Ao ver samurais de Chôshû e Satsuma adentrando a mansão, o *Shinsengumi* se preparou para trucidar ou prender qualquer rebelde que saísse da mansão, porém estes conseguiram despistar o grupo saindo da casa por um local alternativo com o documento imperial que ordenava as mortes de Tokugawa Yoshinobu, o Segurança de Quioto e a condenação de Edo e seu regime de xogunato. Porém antes que os dois domínios anti-Tokugawa pudessem executar a ordem, em outubro de 1867, o xogum Yoshinobu renunciou ao seu poder militar e anunciou a restauração do poder do imperador, diante dos daimiôs reunidos em seu castelo de Nijô, em Quioto, num plano encabeçado por Sakamoto Ryôma. Após a reforma política, postos importantes como os de magistrados do xogum e especialmente o cargo do Segurança de Quioto foram abolidos da hierarquia política, sendo obrigados a deixarem Quioto. Sem poderem mais contar com a proteção garantida de Matsudaira Katamori, o antigo Segurança de Quioto, o *Shinsengumi* foi obrigado a se refugiar em Osaka junto dos clãs de Aizu e Kawana, e teve o nome do grupo mudado para *Shin'yûgekitai Oyatoi* (新遊撃隊御雇い)– “nova tropa guerrilheira mercenária”. Os membros do *Shinsengumi* nunca aceitariam a mudança de nome do grupo, tampouco retornariam para Quioto.

Com o xogum deposto e a incerteza entre os integrantes restantes do grupo, atos como deserção se tornaram comuns entre os soldados do *Shinsengumi*. Ao se instalarem em seu novo quartel general, com menos de cem membros, em Fushimi, uma cidade que ficava ao sul de Quioto, em dezembro de 1867, receberam reforços dos feudos aliados pró-xogunato, que enviaram mais de sete mil homens para as

batalhas decisivas que estariam por vir. Uma dessas batalhas foi a de Toba-Fushimi, em janeiro de 1868, na qual o exército imperial constituído por soldados de Chôshû, Tosa e Satsuma, combateu em Fushimi as forças do xogunato. Apesar de ter concordado com a restauração do poder imperial, o xogunato pediu para que a Corte rescindisse tal ato, visto que Yoshinobu ainda possuía certa influência política dentro do governo imperial. Apesar da vantagem militar, Tokugawa hesitava em lutar por medo de ser considerado inimigo imperial ao combater o exército da Corte. A derrota foi decisiva, também, pelo fato de suas tropas não terem o preparo adequado, visto que nem todos os feudos que enviaram ajuda a Yoshinobu possuíam conhecimento avançado em táticas militares e equipamentos bélicos modernos. Após a derrota vergonhosa e a tomada do castelo de Osaka pelas tropas imperiais, Tokugawa Yoshinobu fugiu para Edo e, em fevereiro de 1868 se confinou no templo pertencente à família Tokugawa em Ueno, onde se declarou submisso ao governo imperial e penitente por seus atos.

Depois de ir para Edo, no entanto, Yoshinobu não deixou que a influência de sua antiga posição morresse tão facilmente. Antes de se refugiar em Ueno, Yoshinobu deixou todas as pendências políticas nas mãos de seus antigos vassalos que também possuíam ligações com o governo imperial, como Katsu Kaishû – que ficou com o controle das tropas militares restantes do xogunato, e seu mentor, Ôkubo Ichiô, que agora era responsável pela administração do antigo regime. Ao chegarem em Edo, o *Shinsengumi* mudou oficialmente seu nome mais uma vez, agora para *Kôyôchinbutai* (甲陽鎮撫隊) – numa tradução literal, “Força de Pacificação”. Kondô Isami e Hijikata Toshizô foram promovidos também a altas posições do antigo regime feudal – Kondô virou *wakadoshiyori* (若年寄), membro do conselho do xogunato e equivalente ao ranking de um daimiô, enquanto Hijikata se tornou um *yoriaiseki* (寄合格), oficial do exército Tokugawa de alto escalão (HILLSBOROUGH, 2005, p. 179). Após se recuperar dos danos sofridos em Fushimi, o grupo cresceu novamente chegando a ter por volta de dois mil membros. Como já dizia o novo nome da tropa, tinham o dever de oprimir levantes dos rebeldes monarquistas na região de Kôfu, onde pretendiam obter o domínio do castelo de mesmo nome que havia sido tomado antes pelas tropas imperiais. Para alcançar tal objetivo, justificaram-se frente a seus superiores, Kaishû e Ichiô, de que apenas se encontrariam com as tropas em Kôfu para avisá-las sobre a promessa de fidelidade

do ex-xogum ao governo imperial. O incidente ficou conhecido como batalha de Koshû-Katsunuma, que ocorreu em março de 1868 e mostrou mais uma vez como a falta de armamento moderno resultou em outro desastre para as tropas do xogunato, que retornaram para Edo derrotadas. Como retaliação, as tropas imperiais se empenharam mais ainda em seu trabalho de extinguir todo e qualquer resquício de tropas do xogunato, como aconteceu na planejada tomada do castelo de Edo no dia 15 do mesmo ano, o que causaria uma inevitável guerra civil no coração da cidade.

Para evitar tal ato, Kaishû selou um acordo com Saigô Takamori em que reafirmava a fidelidade de Yoshinobu e seus subordinados ao imperador. É preciso esclarecer que o imperador somente aceitou tal proposta depois que suas condições de que todo patrimônio pertencente ao xogunato fosse entregue ao governo imperial e de que as tropas xogunais se retirassem da capital. Somente assim, o legado Tokugawa poderia sobreviver na Corte, e conseqüentemente a vida do ex-xogum seria poupada. O ataque foi evitado, mas Kondô e Hijikata não desistiram de lutar. Ao reafirmarem sua vontade de continuar lutando em Edo, Kaishû apenas interpretou como uma “luta de cunho pessoal” e não os impediu de tomarem suas próprias decisões. Então, as tropas opositoras e os comandantes do *Shinsengumi* – agora denominado *Kôyôchinbutai* – se espalharam em cidades ao redor da capital e em Ueno para zelar pelo xogum durante seu exílio – estas se denominavam *Shôgítai* (彰義隊), “exército de lealdade”. Dispostos a continuar lutando pelo xogunato, ainda que fosse uma causa obviamente perdida, Kondô Isami e Hijikata Toshizô se uniram aos opositores em Ueno para recrutar mais homens para as tropas do *Kôyôchinbutai*, e enfrentar as tropas imperiais em Aizu – sem saber que Katsu Kaishû tentava negociar com Saigô Takamori mais uma vez uma solução para um confronto que nem havia começado.

Kaishû ficou furioso ao saber que Hijikata e Kondô tinham saído de Edo para se instalarem em outro lugar com seus novos soldados, com o propósito de continuarem se preparando para a guerra em Aizu recrutando novos guerreiros. Em abril de 1868, ignorando os apelos de Kaishû, Kondô e Hijikata finalmente conseguiram improvisar um quartel general em uma fábrica de missô em Nagareyama, na província de Shimousa, usando nomes falsos para protegerem suas identidades – Hijikata Toshizô agora era Naitô Hayato, e Kondô Isami se tornara Ôkubo Yamato. Infelizmente, um dia após se instalarem na vila, o

Kôyôchinbutai foi surpreendido e cercado por uma unidade imperial comandada por um oficial de Mito, que partiu para encontrar o grupo assim que ouviu boatos de seus homens que patrulhavam a área próxima ao local sobre um grupo armado instalado na vila. Após adentrarem a fábrica e feita uma breve averiguação, os soldados imperiais ordenaram que Kondô se rendesse e que os acompanhasse até o quartel general imperial em Itabashi, onde seria interrogado. Os oficiais não acreditaram no discurso do comandante do antigo *Shinsengumi*, alegando que sua tropa tinha o simples objetivo e ajudar a oprimir as ações das tropas de oposição remanescentes ao redor de Edo. Ao chegar ao quartel general, manteve seu discurso pró-imperialista, mas foi reconhecido por um ex-integrante do *Shinsengumi* que coincidentemente estava no mesmo lugar. Após um breve julgamento realizado com a participação de representantes de feudos imperialistas importantes como Satsuma, Tosa e Chôshû, foi dada a sentença: Kondô Isami foi condenado à morte no dia 8 de abril de 1868 e executado por decapitação no dia 25 do mesmo mês, após ser considerado culpado pelo assassinato de Sakamoto Ryôma em novembro de 1867 (vide nota nº 11)¹⁴.

Após a prisão de Kondô, muitos integrantes voltaram para Aizu, incluindo Hijikata. Lá, ele juntou as tropas de oposição com os membros restantes do *Shinsengumi* e os dividiu em três unidades, uma das quais ele liderou até a região de Utsunomiya. Em 24 de abril de 1868, ocupou temporariamente o castelo de Utsunomiya com suas tropas de oposição, mas foi surpreendido com um contra ataque do exército imperial e recebeu um ferimento à bala no pé, sendo obrigado a bater em retirada para Aizu. Lá, reencontrou os membros sobreviventes do ataque ao castelo de Kôfu, realizado no mesmo mês. Na ocasião, passou a liderança temporária do *Kôyôchinbutai* para Saitô Hajime, que lutaria mais tarde ao lado das tropas de oposição do xogunato pela resistência do castelo de Aizu-Wakamatsu, a

¹⁴ A acusação alegava que o assassino de Sakamoto Ryôma e Nakaoka Shintarô havia deixado para trás itens que incriminavam o *Shinsengumi*, como uma bainha de espada de cor clara – que mais tarde disseram ser de Harada Sanosuke, o capitão da décima divisão do grupo – e um par de sandálias de madeira parecidas com as que Kondô costumava utilizar, encontrados em ambas as cenas do crime. Porém, de acordo com Hillsborough (2005, p. 162), anos depois, um antigo membro sobrevivente do *Shinsengumi* disse que, na noite dos assassinatos, a maioria dos integrantes do grupo estava na casa do comandante, incluindo Harada, e que apenas um famoso e hábil espadachim de Edo chamado Imai seria capaz de realizar tal proeza em tão pouco tempo.

residência do daimiô de Aizu. No entanto, não obteve sucesso – a derrota desta batalha implicou na rendição de Matsudaira Katamori e seus vassalos samurais, assim como a extinção do feudo.

Em agosto do mesmo ano, já recuperado do ferimento, Hijikata concedeu parte do comando do *Kôyôchinbutai* para Ôtori Keisuke, um ex-comissionário da infantaria Tokugawa e foi para a região de Sendai, onde juntou as forças restantes de seu grupo com Enomoto Takeaki, um ex-comissionário da marinha Tokugawa. Em setembro do mesmo ano, após um fracassado concílio de guerra com domínios do norte que, em sua maioria, preferiram jurar lealdade ao imperador do que correr o risco de ter seu feudo invadido pelo exército imperial em caso de resistência, em outubro as tropas de oposição embarcaram para a ilha de Ezo – atual Hokkaidô. Antes, porém, buscou recrutar os homens partidários remanescentes do concílio, para se alistarem ao *Kôyochinbutai*. O destino era *Goryôkaku* (五稜郭), um forte em forma de pentágono construída na época do xogunato e que agora era ocupado por tropas imperiais na região de Hakodate.



Figura 17 – Visão aérea do *Goryôkaku*

Após uma breve resistência das tropas imperiais, em novembro, não só a fortaleza de *Goryôkaku*, mas também toda a região da ilha de Ezo foram dominadas pelas forças do exército comandado por Hijikata (HILLSBOROUGH, p. 202, 2005). Ezo teve sua independência declarada pouco tempo depois, em dezembro de 1868,

mas que não foi reconhecida oficialmente pelo governo imperial, que logo daria um jeito de acabar com a resistência dos opositores¹⁵.

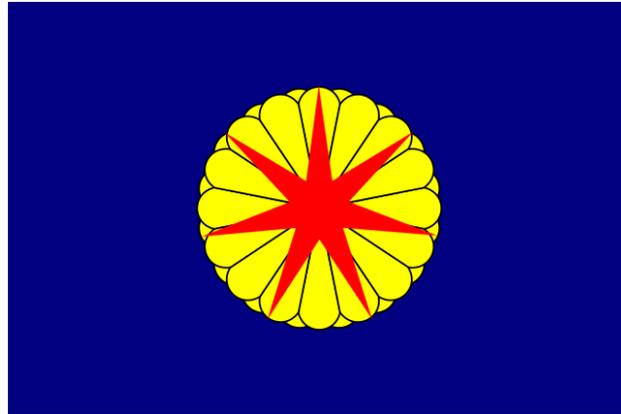


Figura 18 – Bandeira da República de Ezo

No começo de março de 1869, após conseguir o controle de toda a região de Honshû, a esquadra imperial deixou Edo e logo alcançou a baía de Miyako no dia 20, pronta para atacar Ezo. Prevendo que a esquadra imperial não demoraria a alcançar as terras independentes de sua república, no dia 21, os opositores colocaram três de seus navios de guerra disponíveis em alto mar para realizar um possível contra-ataque, mas infelizmente só um deles conseguiu chegar até Miyako por conta de problemas técnicos e condições climáticas desfavoráveis. Este navio e seus ocupantes foram trucidados no dia 25. Hijikata e seu grupo resistiram bravamente por um mês inteiro quando as esquadras de reforço do governo imperial aportaram em Ezo. Porém, a resistência teve fim no dia 11 de maio de 1869, quando as forças imperiais finalmente conseguiram cercar os rebeldes opositores tanto na

¹⁵ Na primeira tentativa de ataque às forças do xogunato em Ezo, os mesmos tiveram seu navio de guerra *Kaiyô Maru* abatido pelas forças imperiais. Aproveitando o momento de fraqueza das forças oposicionistas, as forças imperiais então prepararam seu navio de guerra *Stonewall Jackson*, que pertencia ao xogunato antes de sua queda. Quando as forças imperiais se preparavam para atacar, as missões diplomáticas adotaram uma política de neutralidade, o que não permitiu o ataque do navio até janeiro de 1869, que ficou ancorado no porto de Yokohama. Enquanto isso, em dezembro de 1868, era declarada a República de Ezo (蝦夷共和国, *Ezo Kyôwakoku*). Entre os cargos mais importantes, Enomoto Takeaki foi eleito o presidente da república, e Ôtori Keisuke e Hijikata Toshizô foram eleitos comissário e vice comissário do exército, respectivamente.

terra quanto no mar. Hijikata tentou sair em retirada de Goryôkaku para defender o grupo que estava acuado na cidade, mas levou um tiro na barriga enquanto estava montado em seu cavalo e faleceu em decorrência do ferimento. Logo após sua morte, Sôma Kazue, um soldado que se alistou ao *Shinsengumi* em Sendai assumiu o cargo de comandante do grupo e continuou com a resistência do grupo. Quando o forte de Goryôkaku foi tomado quatro dias após a morte do líder Hijikata, os rebeldes não tiveram outra escolha a não ser se renderem pacificamente, marcando assim de vez o fim da hegemonia Tokugawa e a resistência de seus seguidores contra a reforma política do imperador Meiji que mais tarde faria o país trilhar o caminho da modernização.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Japão foi militarmente dominado de 1185 – quando Minamoto Yoritomo (1147-1199) estabeleceu o primeiro xogunato em Kamakura—até a queda do último xogum Tokugawa e subsequente restauração do poder imperial pelo imperador Meiji, no século XIX. Nesses quase sete séculos de hegemonia militar, surgiram inúmeros líderes militares que se consagraram na história, na cultura e no imaginário dos japoneses. Certamente, não é tarefa simples avaliar o peso histórico e cultural do *Shinsengumi*, um grupo guerreiro a serviço do xogunato, no qual a grande maioria tinha origem simples e contrasta com os ilustres samurais que marcaram a história e cultura japonesa com seus grandes feitos.

No âmbito da história, o *Shinsengumi* deixou um legado de grandes batalhas que impactaram o curso da mesma. Alguns historiadores afirmam que o “Incidente em Ikeda'ya” foi decisivo para adiar o inevitável processo de queda do xogunato e da resultante restauração imperial de Meiji. Infiltrando-se em batalhas decisivas e agindo de acordo com suas próprias leis, a disciplina do grupo foi algo fundamental para que pudessem honrar seu nome perante a sociedade e até mesmo serem prestigiados pelo imperador devido aos seus atos de coragem.

O segundo aspecto a considerar diz respeito aos valores culturais e ao imaginário coletivo dos japoneses. A história do *Shinsengumi* está carregada de simbologia e um código de conduta que realça valores compartilhados pela tradição samurai, como disciplina, persistência, lealdade aos valores e compromissos assumidos, entre outros.

A inevitável modernização do Japão e a decadência da pirâmide social – que implicava diretamente o fim do feudalismo japonês e, conseqüentemente, o fim do xogunato e o status dos samurais – não intimidaram o grupo, que continuou lutando por seus ideais através do símbolo de sinceridade e pureza do *makoto*. Mesmo persistindo em uma causa que provavelmente já sabiam que estava perdida há muito tempo, pior do que não ganhar o eterno conflito contra a modernidade imposta pelo governo imperial seria não ter a coragem de lutar por sua causa até o fim e morrer pelo país que estava até então sob o domínio de Tokugawa. Esta, que era a verdadeira obstinação dos comandantes do *Shinsengumi* e de seus soldados que

permaneceram até o fim. É exatamente nesse contexto de luta por seus ideais – mesmo que a derrota seja iminente – que conseguimos enxergar o conceito do verdadeiro mito do herói japonês: o que consegue encontrar beleza na própria derrota.

Entregando-se ao destino inevitavelmente doloroso e permitindo-se ao sofrimento, podemos ver no estereótipo do herói japonês o absoluto contraste com a tão conhecida imagem do herói ocidental: o que nos leva a enxergar a beleza somente na derrota do inimigo. Não vê vantagem em morrer por uma causa, pois não há progresso na concretização de um sonho, depois que se está morto.

Talvez seja essa a plausível explicação para o motivo de o *Shinsengumi* ainda ser tão popular, mesmo após transcorrido mais de cento e quarenta anos de seu extermínio. Na concepção religiosa japonesa, o *makoto* é o sentimento mais profundo e verdadeiro do ser humano. O desrespeito a esse sentimento seria uma falta contra si mesmo, e logo, uma mancha na própria honra, que era valorizada acima de tudo na cultura *bushidô* e ainda persiste no cotidiano japonês atual, onde a honestidade continua sendo um elemento fundamental na sociedade. Mesmo que os princípios do *Shinsengumi* estejam definidos e impregnados na sociedade atual, tamanha fama não impede que as novas gerações tenham diferentes visões sobre o grupo. Prova disso são as obras de ficção de sucesso que retratam o *Shinsengumi* de diversas formas em seu cotidiano na sociedade Tokugawa, citando exemplos como o mangá *Peacemaker Kurogane* (PEACE MAKER 鐵), onde o protagonista é um jovem garoto chamado Ichimura Tetsunosuke, que se junta ao *Shinsengumi* para vingar a morte de sua família. Há também a famosa série de jogos para garotas (*otome game*) chamada *Hakuouki* (薄桜鬼), que foi lançado em 2008, e dois anos depois, teve sua adaptação para anime. Nele, a personagem principal viaja até Quioto em busca de seu pai desaparecido, e acaba se envolvendo com o *Shinsengumi* em uma trama que mistura romance e criaturas sedentas de sangue, porém sem perder a fidelidade histórica. Estas novas maneiras incomuns de retratar o famoso grupo dentro de um contexto histórico inalterável, porém permitindo que o espectador faça parte indiretamente da trajetória do *Shinsengumi* nessas obras são certamente fundamentais para dar continuidade ao legado do grupo que marcou o fim do xogunato Tokugawa, porém sem perder sua identidade cultural.



Figura 19 – Peacemaker Kurogane



Figura 20 – Hakuouki

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COLLCUTT, M.; JANSEN, M.; KUMAKURA, I. **Japão**. [S.l.]: Folio, [20-?].

DO: a essência da cultura japonesa. São Paulo: Centro de Chado Urasenke do Brasil, 2004.

HALL, J. W. (Ed.) **The Cambridge History of Japan: Early Modern Japan**. Nova Iorque: Cambridge University Press, 1997. V. 4

HILLSBOROUGH, R. **Shinsengumi: the Shogun's Last Samurai Corps**. Vermont: Tuttle Publishing, 2005.

MORRIS, I. **The nobility of failure: tragic heroes in the History of Japan**. Japan: Tuttle, 1975.

STORRY, R. **The way of the samurai**. London: Orbis Publishing, 1978.

FIGURAS

Figura 1 – Tokugawa Ieyasu

Disponível em: <http://www.newworldencyclopedia.org/entry/Tokugawa_Ieyasu>.

Acesso em: 26 de novembro de 2014.

Figura 2 – Representação da abertura dos portos japoneses em 1853

Disponível em: <<http://mickmc.tripod.com/perry.html>>.

Acesso em: 26 de novembro de 2014.

Figura 3 – Comodoro Matthew Calbraith Perry

Disponível

<<http://www.history.navy.mil/branches/teach/pearl/kanagawa/friends4.htm>>

em:

Acesso em: 26 de novembro de 2014.

Figura 4 – Li Naosuke

Disponível em: <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:li_Naosuke_001.png>

Acesso em: 26 de novembro de 2014.

Figura 5 – Matsudaira Katamori, o Segurança de Quioto

Disponível em: <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Matsudaira_Katamori.jpg>

Acesso em: 26 de novembro de 2014.

Figura 6 – Shimazu Hisamitsu

Disponível em: <<http://global.britannica.com/EBchecked/topic/540645/Shimazu-Hisamitsu>>

Acesso em: 26 de novembro de 2014.

Figura 7 – Kiyokawa Hachirô

Disponível em: <<http://markystar.wordpress.com/tag/kiyokawa-hachiro/>>

Acesso em: 26 de novembro de 2014.

Figura 8 – Hijikata Toshizô

Disponível em: <<http://en.wikipedia.org/wiki/Hatamoto>>

Acesso em: 26 de novembro de 2014.

Figura 9 – Kondô Isami

Disponível em: <<http://360x2.blog72.fc2.com/blog-entry-595.html>>

Acesso em: 26 de novembro de 2014.

Figura 10 – Representação das roupas utilizadas pelo *Shinsengumi*

Disponível em: <<http://en.wikipedia.org/wiki/Shinsengumi>>

Acesso em: 26 de novembro de 2014.

Figura 11 – Real estandarte com o kanji de *makoto* utilizado pelo *Shinsengumi*

Disponível em: <<http://blogdetestesmari.blogspot.com.br/2010/09/estreia-de-samurai-no-rikishi.html>>

Acesso em: 26 de novembro de 2014.

Figura 12 – Katsu Kaishû

Disponível em: <<https://markystar.wordpress.com/tag/katsu-kaishu/>>

Acesso em: 26 de novembro de 2014.

Figura 13 – Foto antiga do interior da hospedaria Ikeda

Disponível em: <<http://w2.avis.ne.jp/~ryouma11/sinsengumi.htm>>

Acesso em: 26 de novembro de 2014.

Figura 14 – Saigô Takamori

Disponível em: <<http://kids.britannica.com/comptons/art-159511/Saigo-Takamori>>

Acesso em: 26 de novembro de 2014.

Figura 15 – Sakamoto Ryôma

Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Sakamoto_Ryoma>

Acesso em: 26 de novembro de 2014.

Figura 16 – Tokugawa Yoshinobu

Disponível em: <<http://www.nautiljon.com/people/tokugawa+yoshinobu.html>>

Acesso em: 26 de novembro de 2014.

Figura 17 – Visão aérea do *Goryôkaku*

Disponível em: <<http://www.absolutjapon.com/la-fortaleza-goryokaku-en-hokkaido/>>

Acesso em: 26 de novembro de 2014.

Figura 18 – Bandeira da República de Ezo

Disponível

em:

<http://althistory.wikia.com/wiki/File:Flag_of_the_Republic_of_Ezo.svg>

Acesso em: 26 de novembro de 2014.

Figura 19 – *Peacemaker Kurogane*

Disponível em: <<http://www.fanpop.com/clubs/peacemaker-kurogane/images/13583475/title/peacemaker-kurogane-photo>>

Acesso em: 26 de novembro de 2014.

Figura 20 – *Hakuouki*

Disponível em: <<http://www.fanpop.com/clubs/hakuouki/images/34383462/title>>

Acesso em: 26 de novembro de 2014.

6. ANEXO: CRONOLOGIA

1600: Final da Batalha de Sekigahara e vitória de Tokugawa Ieyasu

1603: Ieyasu recebe o título de *sei-i-taishôgun*

1613: Instituição do *kinchû narabi ni kuge shohatto*

1616: Implantação do *buke shohatto*

Perseguição aos fiéis e missionários cristãos

1634: Estabelecimento do *sankin kôtai*

1637: Fechamento do Japão (*sakoku*)

1853: Chegada dos navios americanos na costa japonesa

1854: Tratado de Kanagawa

1862: Criação do cargo de Segurança de Quioto

Recrutamento das tropas *rôshi*

1863: Criação do *Shinsengumi* sob o comando de Kondô Isami, Hijikata

Toshizô e Serizawa Kamo

Primeiro ataque do feudo de Chôshû

Assassinato da facção de Serizawa Kamo

1864: Incidente em Ikeda'ya

Chôshû é declarado oficialmente inimigo imperial

Primeira expedição contra Chôshû

1865: Segunda expedição contra Chôshû

1866: Formação da Aliança Satchô

Falecimento do xogum Iemochi

Falecimento do imperador Kômei

1867: *Shinsengumi* recebe o status de *hatamoto*

Renúncia do xogum Yoshinobu ao poder militar e abolição dos cargos políticos pertencentes à hierarquia política do xogunato

Shinsengumi muda seu nome para *Shin'yugekitai Oyatoi* e se muda para Osaka

Assassinato de Sakamoto Ryôma e Nakaoka Shintarô

1868: Batalha de Toba-Fushimi

Shinsengumi muda novamente seu nome para *Kôyôchinbutai* e se refugia em Edo

Batalha de Koshû-Katsunuma

Prisão e execução de Kondô Isami

Tropas do xogunato viajam para a ilha de Ezo

Tomada do *Goryôkaku* pelas tropas do xogunato e proclamação da República de Ezo

1869: Ataque do exército imperial às tropas rebeldes do xogunato

Morte de Hijikata Toshizô e tomada do *Goryôkaku* pelas forças imperiais.